

Medicina Veterinária

MASTITE CLÍNICA EM ÉGUA: RELATO DE CASO

Júlia Nahas Ribeiro de Araújo - Acadêmica do 9º módulo do curso de Medicina Veterinária DMV/UFLA. Contato: julia.araujo3@estudante.ufla.br

Beatriz Monte Egito - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, DMV/UFLA.

Daira Darlen Malta Neri de Melo - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, DMV/UFLA.

Eishyla Catarine Julio Silva - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, DMV/UFLA.

Júlia Ferreira Andrade - Médica Veterinária Residente em Clínica Médica de Grandes Animais, DMV/UFLA.

Ticiane Meireles Sousa - Professora Doutora do Departamento de Medicina Veterinária, UFLA. - Orientador(a)

Resumo

A mastite é definida como a inflamação da glândula mamária, geralmente associada à presença de microrganismos em seu interior. Em éguas, sua ocorrência é menos frequente do que em vacas, o que é atribuído ao menor volume da glândula mamária, à reduzida manipulação durante a ordenha e à maior distância do teto em relação ao solo, o que diminui a exposição a agentes patógenos e reduz risco de trauma. A baixa produção de leite aliada à sucção frequente pelos potros favorece o esvaziamento constante da glândula mamária, o que reduz a estase láctea e, conseqüentemente, diminui o risco de infecção. Em contrapartida, potros enfermos ou com sucção insuficiente podem levar ao acúmulo excessivo de leite, criando um ambiente propício ao desenvolvimento de mastite. Os casos clínicos se manifestam principalmente nas primeiras 2 a 3 semanas do início da lactação, com alterações no tamanho ou secreção das glândulas mamárias, edema, dor à palpação, relutância em permitir que o potro mame e, em alguns casos, sinais sistêmicos. O objetivo dessa descrição é relatar a conduta clínica no tratamento de um equino com mastite. No Hospital Veterinário da UFLA foi atendido um equino, fêmea fértil, Mangalarga Paulista, 13 anos, de 406 quilos, que foi encaminhada no dia 13/05 para acompanhar a internação de sua potra. No dia 15/05, apresentava apatia e o exame físico revelou úbere com aspecto empedrado e dor à palpação. Foi solicitado hemograma, mas sem alterações relevantes. O diagnóstico foi estabelecido com base nos sinais clínicos apresentados e no histórico de lactação. O tratamento incluiu antibioticoterapia de amplo espectro com penicilina + diclofenaco (22.000 UI/kg, 2 frascos, IM, SID) por 7 dias, visando à eliminação do patógeno e à limitação da liberação de mediadores inflamatórios, respectivamente. Instituíram-se três medidas complementares: ducha fria, promovendo vasoconstrição, reduzindo a inflamação e o desconforto do animal; compressa quente, promovendo o fluxo de leite e a ordenha, com o objetivo de eliminar mecanicamente microrganismos, debris celulares e células inflamatórias. Ambas foram realizadas duas vezes ao dia, pela manhã e à tarde, durante 8 dias, sendo que, somente no terceiro dia, foi implementado o uso de Tricloril, como antiparasitário. Houve evolução clínica favorável, com resolução das lesões a partir do tratamento instituído. Conclui-se que a mastite em éguas tende a responder bem ao tratamento clínico na maior parte dos casos.

Palavras-Chave: Inflamação, Antibioticoterapia, Equino.

Instituição de Fomento: Universidade Federal de Lavras

Link do pitch: <https://youtu.be/iXq0Yhm6l7U?si=INScqm5JXI9thBJw>

Sessão: 5

Número pôster: 146

Identificador deste resumo: 6209-19-4801

novembro de 2025